

ANO V • Nº12 • PUBLICAÇÃO PERIÓDICA • DEZEMBRO 2000



ASSOCIAÇÃO DOS  
OFICIAIS DA  
RESERVA NAVAL

# Um privilégio

*para 3000 membros*

- Usufruir para ti e até quatro acompanhantes, em qualquer época do ano de um desconto de 30% sobre os preços de balcão no alojamento dos **Aldeamentos Turísticos de Pedras D'El Rei e Pedras da Rainha em Tavira - Algarve**;
- Usufruir, para ti e até quatro acompanhantes, em qualquer época do ano, de um desconto de 25% sobre os preços de balcão no alojamento (dormida e pequeno almoço) nas seguintes unidades do **Grupo Hoteleiro Fernando Barata**:

**Mónica Isabel Beach Club (Albufeira)**

**Forte de S. João (Albufeira)**

**Hotel Sol e Mar (Albufeira)**

**Hotel Suiço-Atlântico (Lisboa)**

**Aparthotel Auramar (Albufeira)**

**Hotel Sol e Serra (Castelo de Vide)**

**Hotel Mar à vista (Albufeira)**

**Hotel Dom Fernando (Évora)**

**Oleandro Country Club (Albufeira)**

**Hotel São João (Funchal)**

**Residencial Vila Recife (Albufeira)**

- Utilizar a messe de Marinha em Cascais;
- Usufruir de condições especiais na Estalagem da Quinta de Santo António em Elvas.
- Acesso às consultas do Hospital de Marinha, a todos os associados da AORN, conjuges, ascendentes e descendentes que integrem o respectivo agregado familiar.

Em **turismo de habitação**, extensivo até cinco acompanhantes, na margem esquerda do rio Douro. Em qualquer época do ano, na Vila de Resende, com desconto de 30% no alojamento (dormida e pequeno almoço).



# Editorial

## *DIREITOS E OBRIGAÇÕES*



ASSOCIAÇÃO DOS  
OFICIAIS DA  
RESERVA NAVAL

*Publicação Periódica da Associação  
dos Oficiais da Reserva Naval  
Nº 12 • Ano V  
Dezembro de 2000*

### *Administração e Redacção*

Fábrica Nacional da Cordoaria  
Rua da Junqueira  
1300- 342 Lisboa

Telefs.: 21 362 68 40 / 21 362 68 39 (Fax)

### *Design e paginação electrónica*

M. LEMA SANTOS  
Comunicação Gráfica, Lda.  
Casal do Barota, Lote 65 - Loja Direita  
2605-659 BELAS

### *Fotolito e montagem*

GRAFILIS, SA.

### *Impressão e acabamento*

MINERVA COMERCIAL SINTRENSE, LDA.

### *Tiragem*

3.000 exemplares



A adesão a uma associação como a AORN é um acto isento de pressão externa ou condicionante da vontade de cada um.

Quando muito, poderá alegar-se que são utilizados argumentos de ordem sentimental que influenciam a decisão de uns quantos.

E nem mesmo a existência de alguns benefícios, será a razão da constante entrada de novos associados.

Resta assim, como motivação mais frequente, o saudosismo da época em que éramos efectivamente jovens, a perspectiva de um reencontro com amizades interrompidas pela implacável lei da vida, alguma ilusão de que a Marinha e a tradição ainda permanecem como as conhecemos, quem sabe se o cheiro a Mar que nunca nos abandonou e que muitos gostariam fosse também sentido pela geração que nos segue.

Ninguém poderá, penso eu, sentir-se obrigado a entrar na AORN.

Também ninguém deverá sentir-se obrigado a nela permanecer.

Não ser obrigado a entrar ou a permanecer é um **DIREITO** inquestionável, mas quem permanecer tem a **OBRIGAÇÃO** de cumprir com o pagamento atempado das suas quotas, sob pena de se transformar esta associação em mais um clube recreativo, sem qualquer hipótese de levar a cabo as suas tarefas estatutárias.

Embora duvidando, em pleno, da eficácia de mais este apelo, continuaremos a fazê-lo, quanto mais não seja para mostrar que há alguém que não desiste facilmente.

*José Pires de Lima*

## O 8º CEORN



Último com esta designação ( passou posteriormente a CFORN) e criado com base numa directiva emanada em 8 de Julho, iniciou-se em 9 de Outubro de 1965, integrado na Escola Naval de que era Director e Comandante o Comodoro Manuel Carlos Sanches.

Integrando um total de 68 cadetes – 30 da classe de Marinha, 4 de Saúde Naval, 5 Engenheiros Maquinistas Navais, 8 de Administração Naval, 20 Fuzileiros e 1 Construtor Naval – foi dos mais numerosos cursos incorporado até à altura, resultado de uma política de apoio à manutenção das frentes que, sobretudo em África, exigiam uma mobilização contínua desde o início dos conflitos além-territoriais.

Era Director de Instrução o Cap.Ten. António Seixas Louçã.

O Patrono do curso, de seu nome "Mem de Sá", irmão de Sá de Miranda e também do renascentista Gil Vicente, embora apenas pelo sangue paterno, era licenciado em Direito e cedo chegou ao topo da carreira da magistratura, como Juiz Desembargador.

Nomeado Governador-Geral do Brasil em 1557, estabeleceu-se em S. Salvador e procurou normalizar a vida naquele território colonial, degradada pelo jogo e marginalidade, tentando estabelecer normas de conduta adequadas a um ambiente regido por princípios jurídicos.

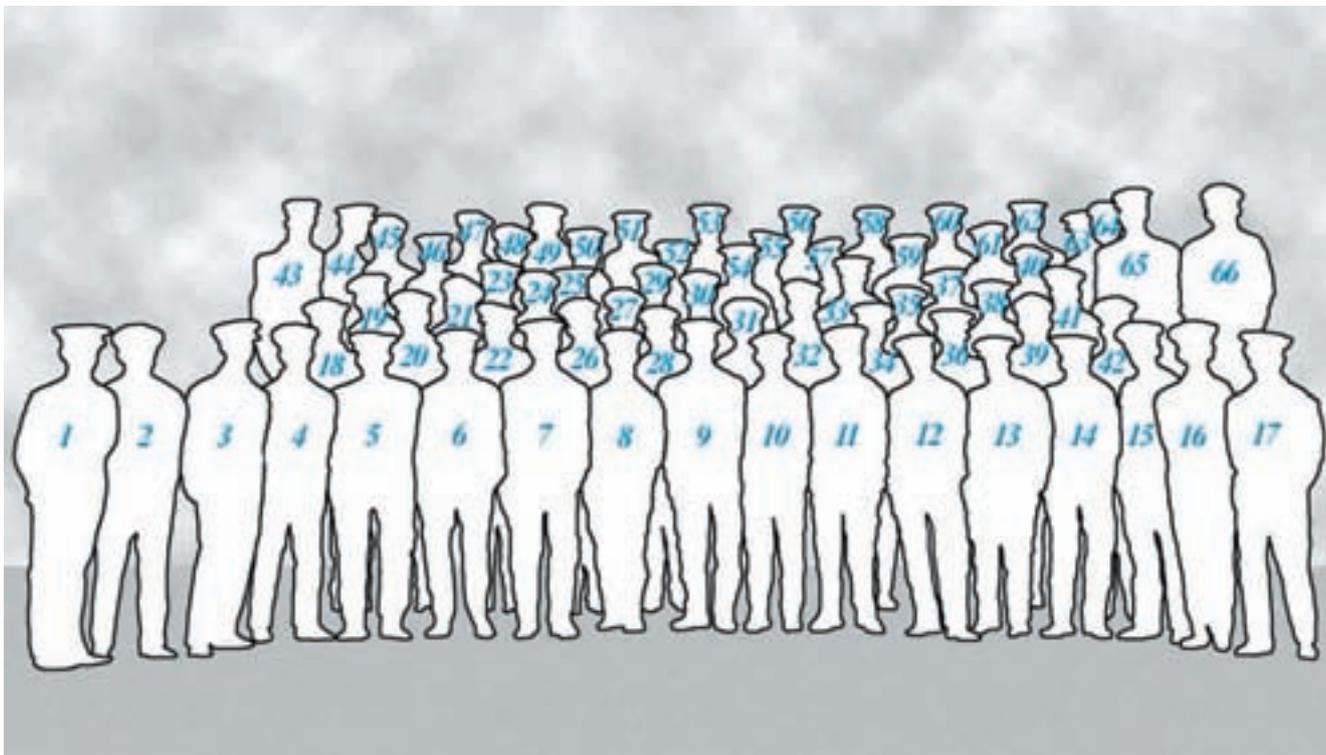
Após várias lutas internas quer com os indígenas, em que perde o próprio filho, quer com os franceses, que lá tentaram com insucesso estabelecer uma colónia, acaba por conseguir escorraçar definitivamente os franceses no final de vários anos, em 1567.

Cansado e ambicionando o regresso, solicita a sua substituição mas tal não chega a suceder.

Faleceu Mem de Sá em 1572.



*Contra-Almirante Manuel Carlos Sanches*



## 8º CEORN

### Classe de Marinha

- 1 - Manuel Alfaia Pinto Pereira
- 2 - Manuel Sousa Torres
- 3 - Luís A. Mata de Oliveira
- 4 - Rogério E. Bordalo da Rocha
- 5 - Manuel Ferreira Gomes
- 10 - José J. Ferreira Martins
- 13 - Afonso Henriques da Costa
- 16 - Abílio Martins Silva
- 17 - Manuel Sousa Santos
- 19 - José P. Cabral Fernandes
- 23 - José Alcino F. da Costa
- 25 - José C. Pereira Marques
- 26 - Martinho Pereira Coutinho
- 28 - José Manuel Neto Domingues
- 29 - Jorge Manuel Calado Marques
- 31 - Carlos Alberto Duarte Moura
- 37 - Manuel Lema Santos
- 40 - Júlio Ribeiro Coelho
- 43 - Mário Rui Alves Nunes
- 44 - José Mª Correia Sampaio
- 45 - Fernando A. Costa Nicolau
- 46 - Jorge M. Duarte Pedro
- 47 - António J. Cardoso da Silva
- 49 - Luís A. Santos Pereira
- 53 - Francisco Sampaio Simões
- 59 - José R. Centeno da Costa
- 61 - João Manuel Sousa Dias

- 63 - Emídio Aragão Teixeira
- 64 - José Tereno Valente
- 66 - Carlos Alberto Lopes

### Classe de Fuzileiros

- 6 - Joaquim de Oliveira Branquinho
- 8 - Antº Luís Marinho de Castro
- 11 - Luís D. Azevedo Vaquinhas
- 12 - Carlos A. M. Pinto Pereira
- 22 - Frederico da Luz Rebelo
- 27 - Urbano Moreno Marques
- 32 - Manuel Renipundo M. Coutinho
- 34 - José Manuel Matos Moniz
- 35 - Adelino Mendes da Silva
- 36 - José Manuel Silva Peixoto
- 38 - Pedro Corrêa de Barros
- 39 - Eduardo Van Zeller
- 48 - Fernando Carvalho Mendes
- 50 - Manuel José Santos Pereira
- 54 - Paulo Lowndes Marques
- 55 - Rui Sousa Eiró
- 58 - Luis Filipe de Arajó Neves
- 65 - João Nuno Belo da Conceição

### Classe de Contrutores Navais

- 56 - João Stüchaner Lacasta

### Classe de Administração Naval

- 7 - Jorge M. L. Miranda
- 14 - António Palma Fernandes
- 18 - Alexandre F. Borrego
- 20 - José António Fragoeiro
- 21 - Álvaro Henriques Quintana
- 24 - Vítor Manuel Pessoa
- 30 - José Antº Silveira Godinho
- 52 - Augusto de Athayde Albergaria

### Classe de Médicos Navais

- 9 - Mário Rocha de Sousa
- 15 - Agostinho Almeida Santos
- 42 - Frederico Silveira Machado
- 57 - João C. Nunes Corrêa

### Classe de Engºs Maquinistas Navais

- 33 - António M. Simões Pereira
- 41 - Manuel Castro Norton
- 51 - António P. Costa Quintas
- 60 - Fernando Nunes Serra
- 62 - Ismael de Oliveira Cavaco



Entrega do Prémio Reserva Naval a José António Silveira Godinho pelo Alm. Reboredo e Silva



Manuel Sousa Torres



Carlos Alberto Lopes



Emídio Aragão Teixeira

A viagem de instrução efectuou-se nas Fragatas "Diogo Cão" e "Corte Real", comandadas, respectivamente, pelos Cap. Frag. Peixoto Correia e Cap. Frag. Pinheiro de Azevedo e escalou os Açores, Madeira e Cabo Verde.

O **Prémio Reserva Naval** foi concedido ao Cadete de Administração Naval, José António da Silveira Godinho.

No dia 29 de Abril de 1966, em cerimónia presidida pelo então Ministro da Marinha, Almirante Fernando Quintanilha Mendonça Dias, realizou-se o Jramento de Bandeira e a subsequente promoção a Aspirantes.

Quase de imediato, seguiu-se o destacamento para diversas Unidades e Serviços com especial incidência de rendições no Ultramar.

Na **Guiné**, Manuel Sousa Torres, Carlos Alberto Lopes e Emídio Aragão Teixeira foram nomeados Comandantes das **LFP's Bellatrix, Canopus e Deneb** enquanto que Manuel Lema Santos, Jorge Calado Marques, Manuel Sousa Santos e Abílio Martins Silva assumiram as funções de Oficiais Imediatos das **LFG's Orion, Lira, Hidra e Cassiopeia**; como oficiais da guarnição dos **N.H. Pedro Nunes e N.H. Carvalho Araújo**, respectivamente, assumiram funções António Cardoso da

Silva e Jorge Duarte Pedro; José Pereira Marques, Júlio Ribeiro Coelho, Afonso Henriques da Costa, José António Fragoeiro assumiram diferentes funções no **C.D.M.** Guiné e Álvaro Henriques Quintana no Gab. Mil. do **C.C.F.A.** Guiné.

Em **Angola**, Rogério Bordalo da Rocha e José Manuel Domingues foram nomeados Comandantes das **LFP's Fomalhaut e Algol**, tendo assumido as funções de Oficial Imediato da **LFG Escorpião** José Centeno da Costa; Frederico Silveira Machado (MN), António Marinho de Castro, Rui Sousa Eiró e Joaquim José Carvalho foram integrados na **Companhia de Fuzileiros nº 1**, Mário Rocha de Sousa (MN),



Manuel Lema Santos



Jorge Calado Marques



Manuel Sousa Santos



Abílio Martins Silva



Rogério Bordalo da Rocha



José Manuel Neto Domingues



José Centeno da Costa



António Marinho de Castro



Rui Sousa Eiró



Carlos Pinto Pereira



José Pedro Cabral Fernandes

José Ferreira Martins

Jorge Loureiro de Miranda

Manuel Renipundo Coutinho

Luis Filipe Araújo Neves

Paulo Lowndes Marques, Pedro Corrêa de Barros, Carlos Pinto Pereira e Adelino Mendes da Silva na **Companhia de Fuzileiros nº 10**; ainda João Nunes Corrêa (MN), depois de passar pela DSP - 4ª Rep., Luís Azevedo Vaquinhas, Frederico da Luz Rebelo e Manuel Santos Pereira na **Companhia de Fuzileiros nº 11**.

Em **Moçambique**, José Pedro Cabral Fernandes foi nomeado Comandante da **LFP Castor** e Luís Santos Pereira assumiu funções no **Comando Naval**; João Oliveira Branquinho, Eduardo Van Zeller e José Silva Peixoto passaram a estar integrados na **Companhia de Fuzileiros nº 6**.

No **Continente** e desempenhando funções em várias Unidades e Serviços, foram colocados: Manuel Ferreira Gomes, Fernando Costa Nicolau, José A. Ferreira da Costa e Carlos Duarte Moura – **Instituto Hidrográfico**; Francisco Sampaio Simões, Luís Mata de Oliveira e António Palma Fernandes – **Estado Maior da Armada**; José Correia Sampaio, Martinho Pereira Coutinho – **NRP Santo André** e

**Agr. nº 2 de Draga-Minas**; Manuel A. Pinto Pereira, João Belo da Conceição e Manuel Castro Norton – **Grupo nº 1 de EA** (o último depois de uma passagem pelo NRP Azevia); Mário R. Alves Nunes – **NRP Dourada**; João Manuel Lacasta e José Ferreira Martins – **Insp. de Construção Naval**, tendo o último posteriormente assumido o comando do **NRP Aljezur**; José Tereno Valente e Urbano Moreno Marques – **DSP 5ª e 6ª Rep.**, João Sousa Dias – **SSA**; José Matos Moniz – **DFE1**; Agostinho Almeida Santos (MN) – **NRP S. Gabriel** e, mais tarde, com Luís Araújo Neves – **Companhia nº 2 de Fuzileiros**; Ismael Oliveira Cavaco – **NRP Dourada** e **DSA**; António Costa Quintas – **NRP Bicuda** e **D/M Ribeira Grande**; Fernando Nunes Serra – **NRP Santo An-dré** e **Grupo nº 2 de EA**; António Simões Pereira – **NRP Espadilha** e **DSP 5ª Rep.**; José A. Silveira Godinho – **Inspecção de Marinha**; Victor Rodrigues Pessoa – **DSA**; Augusto Soares de Albergaria – **DSP 4ª Rep.**; Jorge Loureiro de Miranda – **DSAN**; Alexandre Ferreira Borrêgo – **Grupo nº 2 de EA**.

A partir de meados de 1968, a maioria destes oficiais começou a ser licenciada, tendo ingressado no Quadro Permanente, na classe de Marinha, José Joaquim de Sousa Ferreira Martins e, na classe de Fuzileiros, José Manuel de Matos Moniz e Adelino Carlos Mendes da Silva; Manuel Lema Santos solicitou prorrogações sucessivas até 1972, sendo licenciado em 1º tenente.

Decorridos trinta e seis anos desde a data do ingresso na Escola Naval, a Revista da AORN regista a memória do 8º CEORN, curso com larga participação nas actividades da Associação e encontros diversos ao longo do tempo.

Também aqui expressamos uma justa homenagem e a sentida saudade daqueles que, sempre prematuramente, já não se encontram entre nós, inexoravelmente colhidos pela lei da vida.

Manuel Lema Santos  
8º CEORN



Da esq. para a dir.: Augusto Athayde, A. Almeida Santos, Silveira Machado, Silveira Godinho, Castro Norton, Simões Pereira e Mário Rocha de Sousa



Da esq. para a dir.: Manuel Torres, Lema Santos, José Moniz, Ismael Cavaco, João Manuel Lacasta, "Machado", Rui Eiró, Simões Pereira e Nunes Serra

## CARTAS TROCADAS

**P**aulo Lowndes Marques e Augusto de Athayde, são dois integrantes do 8.º CEORN que em condições e cenários diversos, no longínquo ano de 1967 cumpriram o seu tempo de serviço militar, na Marinha.

Em Angola, o primeiro e, em Lisboa, o segundo, foram os autores de uma troca de correspondência que reflecte estados de espírito bem diferentes, um e outro com curiosas observações que, sem qualquer comentário, a Revista da AORN dá a conhecer passados que são 33 anos.



Paulo Lowndes Marques (8º CEORN)

«Angola, 1 de Março de 1967

Meu Caro Augusto,

Eis-me em pleno Rio Zaire, a uns 70 Km da foz deste grande rio. Comando um Posto denominado Macala, numa zona do rio onde este estreita. Não só vejo perfeitamente a outra margem, como distingo uma pequena aldeia e, indistintamente, as pessoas que nela se movimentam.

Contam-me os meus libidinosos fuzileiros que lá se encontra uma albina, o que algo excita os latinos deste lado, embora, francamente, a distância não o justifique.

Mas no centro de África como em Pigalle, a imaginação é tudo!

*O rio embora aqui estreito, como disse, parece ser mais profundo do que o Mediterrâneo! O Zaire é rio internacional até penetrar no Congo Kinshasa e o porto de Matadi é pois servido por este "canal" meu vizinho. Tenho cerca de 35 homens (e não, hélas, mulheres – quanto tempo demorará para o bom exemplo de Israel chegar aqui?) sob o meu comando.*

*Tenho ordens por escrito segundo as quais este posto não se pode render.*

*Se for atacado, tenho a obrigação de morrer gloriosamente com tudo e todos. Medito muitas vezes (até porque há muito tempo para meditar) no dilema de um militar jovem e subalterno há seis anos (1961) na fronteira de Goa. Durante semanas o inimigo aumentou a pressão psicológica através da rádio e de óbvia concentração de tropas em frente do equivalente deste posto com o vai-vem de camionetas, a chegada de artilharia, o treino diário de cada vez mais homens, a prática dos morteiros. E eu com os meus trinta homens, por certo com armamento muito inferior.*

*Vem a madrugada do ataque – na última escuridão da noite ouviria (mantendo o paralelo com a minha situação) o barulho das Lanchas arrancando os seus motores, os primeiros morteiros caindo, tentando calcular o alcance certo. Eu enviaria uma mensagem com prioridade para a minha chefia hierárquica e descobriria que eles, os meus chefes, já lá não estavam! Já tinham decampado, ou se rendido, ou sei lá? E ali estava eu com as minhas ordens escritas, irredutíveis e patrióticas e os meus chefes desaparecidos! Julgo, sinceramente, que este abandono dos subordinados constitui a acusação mais grave aos comandos militares em Goa quando da invasão.*

*Há bons e honrados precedentes históricos para ignorar e desobedecer ao poder político. O almirante russo que desobedecendo a ordens, ordenou a rendição geral na batalha de Tsuchima, por exemplo. Enfim, estou a divagar.*

*O rio corre com enorme força. Na época das chuvas chega a fazer sete milhas por*

*hora. Se se sobrevoar a foz, o Zaire entra como um grande soco castanho no estômago do Atlântico Sul.*

*Tenho cerca de 20 Km de rio à minha guarda. Por vezes aparece uma mensagem alarmista – vem um corpo de um branco morto levado pelo rio. Além do desagradável que me escuso de te descrever (o que faz, por vezes, só darmos o alarme quando o dito já está no território do posto vizinho) o "branco" é invariavelmente um negro, pois a pigmentação escura descolora com a imersão prolongada – (para a tua sabedoria anatómica).*

*De resto muitas, algo rotineiras patrulhas. Por vezes (não nesta zona), há incidentes com pescadores furtivos que vêm a este lado. Nada mais. Não há guerra. Os crocodilos são bem mais perigosos, embora tenham muito mais medo de nós, que nós deles.*

*É claro que esta guerra mole e algo pode tem os seus perigos. A complacência e a rotina levam ao descuido e é então que um ataque ocorre. Em Nôqui, a montante de onde estou, o aeroporto fica distanciado uns quilómetros do quartel da tropa. Passaram os meses e sempre nada, as medidas prudentes de escolta e cuidados dos primeiros tempos foram-se diluindo no calor, na rotina e no abandalhamento. Depois veio o ataque e emboscada cuidadosamente preparados, deixando sete mortos! Enfim.*

*O Posto da Macala é bonito, com flores trepadeiras cuidadas, buganvílias e vistas panorâmicas. Há muito tempo nas mãos. Leio muito. Finalmente li a "Guerra e Paz" de capa a capa.*

*É da lógica militar que um pelotão de trinta homens só tem dez para, de facto, ocupar em patrulhas. Sentinelas, cozinhas, reparação de botes, etc., etc., consomem a mão-de-obra. É de questionar se a "fixação" de militares, afinal treinados para actividades de maior intervenção, será a melhor forma de os aproveitar. Porque não trazer navios patrulha e lanchas a navegar neste rio como "postos flutuantes", usando assim todos os fuzileiros para patrulhar?*

Recordo com saudade a nossa viagem a Cabo Verde, Açores e Madeira. Do pó e areia em São Vicente (os dois clubes de golf – um português, outro inglês – os "greens" algo castanhos!), do cenário lunar de Santo Antão, dum lado e do outro do verde tropical no fundo dos vales, da perdida fotografia do Raul Ventura numa repartição esquecida e do magnífico Café Mussolini. Não sei se visitaste o famoso Tarrafal. O Luandino Vieira que se recusava, com dignidade, diga-se em abono da verdade, a encontrar o "olhar" dos visitantes.

E após o mau tempo e embates do mar à saída de Cabo Verde, a súbita e quase mágica visão do verde dos Açores. Bem se percebe a psicologia do Canto IX dos Lusíadas, embora, mais uma vez, hélas, sem a substância do Canto tão querido dos escolares portugueses. E as nossas deambulações na Madeira, culminando com o civilizado chá no Reeds.

É curioso como uma farda nos solidariza. Enfim, percebi a lógica de uma farda de colégio. A farda e, em verdade, a proximidade de perigo que, na prática, só me recordo dos exames na Faculdade, período onde todos éramos amigos e nos conhecíamos de perto. Tu, bom aluno, decerto nunca experimentaste o receio do chumbo, mas acredita que, como dizia o Dr. Johnson sobre alguém que vai ser enforcado no dia seguinte, que "concentra a mente por forma admirável". Mas novamente divago.

Li algures e em tempos, que a guerra é uma experiência de grandes períodos de ócio e maçada, intercalados por súbitos momentos de medo intenso, sem nada pelo meio.

Confesso, conforme disse, que até agora tive bem mais medo de exames do que propriamente experiências de guerra.

Em verdade te diz este fuzileiro distante que te abraça com amizade.

a) Paulo»

Visita e divulga a nossa homepage da Internet:

<http://www.terravista.pt/baiagatas/2176>

Mantém actualizado o teu e-mail e utiliza o da

AORN para comunicares connosco:

[aorn95@mail.telepac.pt](mailto:aorn95@mail.telepac.pt)



Augusto Athayde (8º CEORN)

«Lisboa, 15 de Março de 1967

Caríssimo Paulo,

Muito obrigado pela tua carta de 1 deste mês, como sempre cheia de interesse pelos factos narrados e reflexões feitas.

Ainda bem que os teus riscos de guerra não são os piores! Adiro por inteiro ao que dizes sobre o inconcebível abandono dos subordinados pelos chefes. Espero veementemente que tal nunca te venha a suceder!

De qualquer forma pergunto-me sempre: como irá tudo isto acabar? Mal, muito provavelmente... A paz celestial dos nossos primeiros anos, vividos nestes palmos de terra esquecidos e intactos durante a pior convulsão que a humanidade conheceu e de todos os seus horrores... vai bem longe. Afinal os males das guerras só viriam a atingir a nossa geração mais tarde (sem, reconheça-se, as dimensões apocalípticas de Hiroshima e outros desastres indiscrimináveis...) Mesmo assim, todos teríamos desejado entrar na idade adulta de outra forma... E eu estou-me a queixar "de barriga cheia".

A "minha guerra" na "nau de pedra" é... de papel e lápis. A Repartição de Justiça (é certo esmagada de trabalho) inclui: um Capitão de Mar e Guerra, um Tenente do Serviço Geral, um Sargento e três Marinheiros. E, é claro, os dois juristas da Reserva Naval: o Rui Machete e eu.

O serviço corresponde, como saberás, em receber Autos (toneladas de Autos), levantados pelas Unidades, estudá-los e, num bonito papel amarelo, emitir uma formação distinguindo entre o que é

infracção disciplinar, (faltas que serão punidas pelo Almirante Superintendente, ao abrigo do RDM) e o que é crime, caso em que os Autos seguem para o tribunal de Marinha. Sem esquecer que há situações nas quais se acumulam infracções disciplinares com crimes e outros – mais raros – em que, depois do Auto bem examinado, se tem de concluir não haver nem uma coisa nem outra.

Já somos todos amigos, dentro desta sala pombalina, dividida por tabique e com janela para um pátio. Por baixo dessa janela existe um aparelho de "ar condicionado" que, – fazendo enorme ruído sem produzir nem calor nem frio – se considera que terá a função de nos impedir de esquecer o das máquinas dos navios...

O tema a que bem aludes da "ausência feminina" em Macala... leva-me, por associação de ideias, a contar que aqui, na Rep. de Justiça há, por vezes, visitas extremamente pitorescas e que eu, como "o mais novo" devo atender. Invariavelmente uma megera "à la portugaise", obesa, perna gorda, hálito pestilento e pêlo na venta, vem acompanhar uma mulherona nova (que receio já tenha dormido com metade da Armada...) para reclamar contra a lentidão do processo em que o grumete ou marinheiro X é acusado de ter estuprado a segunda. A megera faz as despesas da gritaria, "Vocês estão é todos feitos uns com os outros! E olhe que a mim homens nunca me meteram medo, óviu! Nem fardas!!" (etc., etc.) Isto acompanhado de grandes punhadas no tórax (dela!). Eu tento fazê-la falar mais baixo: "olhe que está ali o senhor Comandante" - "Pois que esteja. Quero lá saber! O que vocês querem todos sei eu! (etc.,)!"

Finalmente invoca o testemunho da estuprada. "Oh filha conta lá como é que aquele filho de puta te levou ao engano!" E a matulona: "Olhe, eu ia pr'a casa com uma pequena amiga e ali do outro lado (do Terreiro do Paço), vem ele por trás, encosta-se a nós, e vai logo pondo as mãos. Bem..., o senhor está a entender... E diz: Oh filhas: vocês são bem boas. Se se lavassem bem – (censurado) – todas!" Etc., etc.

Mantenho uma cara digna (com dificuldade) e asseguro que podem confiar na

Justiça. A Repartição toda abafa (mal) o riso. Lá as vou acompanhando para fora. Penso, sinceramente, que qualquer dia quem leva uns socos sou eu! O que ainda não terá ocorrido devido à minha visível corpulência... Enfim, nota para a vasta temática "a mulher e a Armada"...

Uma curiosidade jurídica: descobri, no Código de Justiça Militar que, ao contrário do que nos tinham ensinado na Faculdade, a pena de morte ainda está em vigor neste país, para certos crimes militares, especialmente graves. Perguntarás: mas quando se aplica? Resposta: nunca! Como só poderia ser aplicada a autores de crimes cometidos em teatro de guerra, a "brandura dos nossos costumes" e, penso eu – principalmente razões políticas, – levaram o Governo a considerar que as operações no Ultramar... são de polícia... e não de guerra... logo... não há teatro de guerra.... Antes assim! Por esta vez, ao menos, houve o bom senso de não agravar um descontentamento que (as gerações mais velhas não se dão conta) vai crescendo imparavelmente. Que efeitos provocará esse descontentamento? Os mais variados, de certo. Bons, ou muitos bons, se ele for a alavanca, no futuro, de um grande espírito de reforma, justa, tolerante, feita em liberdade e equilíbrio. Maus, ou muito maus, se se desembocar nalguma grande ruptura revolucionária, ideológica e arrasadora. Enfim, não divaguemos... Mas o menos que se pode dizer é que o futuro, para a nossa geração, é incerto. Só me parece evidente que o "modelo" actual não pode subsistir indefinidamente: ou evolui ou acaba...

Mas passemos a coisas "menos pesadas".

A longa batalha para pagar as dívidas dos meus pais, continua. Felizmente, aos poucos, e através dos episódios mais variados, vou avançando para o grande objectivo de se pagar tudo mesmo ficando sem nada mas de "cara lavada". Agora, Paulo caríssimo: este é que é o verdadeiro curso de Direito!! Acho que até devia pagar por um mergulho assim nas realidades do Direito sobre as quais a Faculdade pouco ou nada nos disse! (Pagar? Mais ainda? Livra!!)

Afinal este é um "assunto pesado". Pesado também e, cada vez mais, está o meu filho Augusto. Parece alegre e esperto...

(Olhos de Pai...) Oxalá "as fadas" tenham visitado o seu berço... Em que mundo viverá quando tiver a nossa idade? Espero que faça a Marinha! (Cada vez mais aprecio esta instituição de rigor, seriedade, trabalho, ambiente civilizado. Penso que representa algo de, infelizmente, raro em Portugal).

(Ou, quando tiver a idade que hoje temos, o Augusto já só poderá optar pela... Marinha soviética...?)

Não posso ficar a escrever o resto da tarde... em cima destes Autos... porque acabo por chamar a atenção do senhor Tenente!!

Mas apetecia-me recordar também a nossa inesquecível viagem. Tocas nos pontos fundamentais. Lembras-te do momento em que, do convés da lancha que nos levou do Mindelo a Santo Antão, entre risos e solavancos, avistámos à chegada, pintada no exterior da pequena doca, em grandes letras, a célebre frase "havemos de chorar os mortos se os vivos o não merecerem"... Nada mais dissonante naqueles confins do mundo, na paisagem desértica daquela ilha, ainda por cima em paz absoluta, do que aqueles dizeres

"épicos"... inutilmente virados para um imenso mar vazio... Recordámos, como recordarás, a célebre tirada mussoliniana pintada nos mais remotos recantos dos desertos da Líbia e da Abissínia - "Molti n'mici molto onore"... (Não sei se se escrevia assim). E o "Café Mussolini", na Costa Oeste de Santo Antão? Dizes bem: é um nome... inesperado... Alguma vez se conseguirá descobrir a sua origem?

Termino no terraço do "Reid's" e no grande momento, que evocas tão bem, daquele "chá" civilizado, com o grande fim de dia sobre o Funchal. Uma grande recordação, de certo vitalícia. Entre tantas outras boas que essa viagem deixou!

Voltando ao presente: cuidado com a "paz podre"!! Não te "descuides"!!

Mas escreve sempre!

O maior abraço do

Augusto

P.S.: Não conseguirás filar a pele de uns crocodilos, para uma pasta para ti e uma carteira que alguma menina certamente apreciaria muitíssimo?

Umaz caçadas bem se integrariam na insólita (e, para mim, falsa...), frase de Malraux: "Les guerres sont les vacances de la vie".»



Posto de Fuzileiros da Quissanga em 1967



Uma patrulha de Fuzileiros no Rio Zaire

# O ALM. SARMENTO RODRIGUES E A RESERVA NAVAL



Rogério Canas de Sousa Ferreira (1º CEORN)

O Corpo de Oficiais da Reserva Naval associa-se, por ocasião da passagem do primeiro centenário do seu nascimento, à merecida homenagem que por iniciativa da Câmara Municipal de Freixo de Espada à Cinta, se pretende prestar à memória do **Almirante Sarmiento Rodrigues**, enquanto Director e Primeiro Comandante da Escola Naval quando da incorporação dos primeiros cursos de Oficiais da Reserva Naval.

A criação de um corpo de milicianos na Marinha de Guerra portuguesa, teve como base a necessidade de preparação de oficiais que, integrando temporariamente os quadros permanentes, permitisse responder às crescentes missões atribuídas à Marinha, por força dos compromissos internacionais que Portugal tinha assumido, nomeadamente com a sua integração na NATO, o que obrigava a manter um maior grau de operacionalidade dos seus serviços e flotilhas.

Esta necessidade veio a tomar maior consistência com o desencadear das lutas pela independência em Angola, Moçambique e Guiné.

A formação militar e escolar dos primeiros cursos, da qual se iriam recolher ensinamentos para melhor conduzir as incorporações consequentes, envolvia problemas de organização e preparação pedagógica por parte do corpo docente da Escola, aliados a alguma sensibilidade humana, dada a característica de voluntariado da incorporação.

As matérias de natureza militar e muito principalmente as de natureza técnico-profissional, assumiam importância particular pela perspectiva da integração em serviços altamente especializados dos novos oficiais, sujeitos a uma formação algo intensiva e acelerada, mas que se deveria revestir de um conjunto bastante diversificado de conhecimentos, considerados essenciais para o bom desempenho das suas futuras funções.

O Almirante Sarmiento Rodrigues compreendeu e assumiu a importância desta tarefa, e a responsabilidade pedagógica que a sua Escola iria ter na escolha do conteúdo das matérias a administrar, para a formação profissional dos futuros oficiais e a transmissão da disciplina, brio e espírito de corpo e de missão que teria que lhes inculcar durante a sua preparação militar.

Nestas tarefas se empenhou o então Comodoro Sarmiento Rodrigues, com todo o seu saber profissional e militar, e a sua dimensão humana e soube transmitir ao corpo docente da Escola Naval a responsabilidade da tarefa assumida e, aos cadetes da Reserva Naval, um entusiasmo que se veio a reflectir no aproveitamento e comportamento dos primeiros cursos, que se transmitiu necessariamente aos seguintes.

A consideração e confiança que o Almirante Sarmiento Rodrigues depositava no futuro da Reserva Naval, ficou demonstrada e assinalada no facto, altamente significativo de, no dia 2 de Março de 1959, no acto de Juramento de Bandeira dos primeiros Oficiais da Reserva Naval ter envergado a sua farda de gala e pelas palavras que então proferiu.

*«As contingências das necessidades de uma guerra e até as previsões que é possível fazer, aconselharam a que se preparassem em devido tempo numerosos elementos que, colocados na Reserva, pudessem num dado momento vir reforçar os efectivos normais da Marinha, quer para operações de guerra no mar, quer para serviços auxiliares. Esta foi a exigência que determinou este primeiro*

*contingente de oficiais da Reserva; esta a conveniência da Marinha e da Nação.*

*Mas a contribuição que lhes foi exigida traz-lhes a par do sentimento de que estão cumprindo um dever que igualmente a todos compete – o de se prepararem para defender a nossa Pátria – outros benefícios que só por si compensariam qualquer sacrifício que porventura tivessem feito. (...) Os que para cá vieram, sairão da Marinha mais homens, mais portugueses, e terão decerto uma melhor compreensão do valor da Marinha e da sua gente. E nas futuras missões que o destino lhes reservar, hão-de com certeza ser-lhes muito úteis os ensinamentos colhidos e saberão por sua vez ajudar a reivindicar para a Marinha o lugar que lhe deve pertencer, dentro do conjunto das actividades nacionais.*

*E desta maneira estaremos pagos, uns e outros, louvando a hora em que foi tomada tão feliz iniciativa.»*

Os resultados desta obra, a que o Almirante Sarmiento Rodrigues deu o seu valioso contributo como militar, como pedagogo e como Homem, vieram a ser confirmados através dos serviços prestados à Marinha e à Pátria, pelo Corpo dos cerca de três mil oficiais, que desde aquela data integraram os quadros da Reserva Naval, e que pretendem deixar aqui um testemunho de respeito e consideração na merecida homenagem que se presta a um Homem cuja obra, ao longo da sua vida, é de relembrar e meditar.

As obras que pelos seus méritos perderam ao longo dos tempos, deverão ser acompanhadas, na nossa memória, pela recordação daqueles que contribuíram para a sua realização

É por isso e para isso, a nossa presença e contributo.

*Nota: Este depoimento foi transcrito do livro "Almirante Sarmiento Rodrigues 1899-1979, Testemunhos e Inéditos no Centenário do seu Nascimento" edição da Câmara Municipal de Freixo de Espada à Cinta e da Academia de Marinha, a quem a Revista da AORN agradece a oferta.*

# CICLO DE CONFERÊNCIAS NACIONAIS

**D**ecorreu em Ponta Delgada, no passado dia 5 de Junho, a 3ª Conferência integrada no *Ciclo de Conferências Nacionais*, promovido pela AORN, desta vez subordinada ao tema "**O Mar – Economia e Geoestratégia**".

Numa organização do Núcleo dos Açores da Associação, o encontro teve lugar no auditório da Universidade, que através do seu Centro de Estudos de Relações Internacionais e Estratégia, dirigido pelo *Professor Carlos Pacheco Amaral*, proporcionou o apoio necessário ao sucesso do evento.

Referiu o Professor Carlos Amaral, que *«pela dimensão que imprime, pela projecção que oferece e pelos mundos que abre, o Mar apresenta-se como o agente de viabilização e de garantia da dignidade humana. É do Mar que chegam os instrumentos adequados para a obtenção das condições que permitem a construção, nestas ilhas, de uma sociedade*



*capaz de garantir a todos os seus membros uma dignidade e patamares de qualidade de vida que se querem cada vez mais próximos daqueles já alcançados pelos europeus».*

Na sessão de abertura presidida pelo Magnífico Reitor, *Professor Vasco da Silva Garcia*, foi por este sublinhado o papel fundamental da Universidade no campo do ensino e da investigação, particularmente nos assuntos do Mar, manifestando o desejo de que as fortes ligações à Marinha portuguesa possam ser reforçadas com a vinda para o arquipélago, por um alargado período, de um Navio Hidrográfico.

Iniciada às 10 horas da manhã, a Conferência prolongou-se até às 19 horas, com intervenções de diversos oradores, tendo sido Moderador, o Presidente da Assembleia Geral da AORN, *Professor Ernâni Rodrigues Lopes*.

Interviente ao longo de toda a sessão, o Professor Ernâni Lopes manteve um redobrado interesse da assistência nos vários temas tratados, reforçando aspectos apresentados pelos oradores e sintetizan-



*As palavras de abertura proferidas pelo Prof. Dr. Vasco da Silva Garcia, Magnífico Reitor da Universidade dos Açores*



*Sessão de encerramento, presidida pelo Secretário de Estado da Defesa Nacional, Dr. José da Silva Mourato*



*O Prof. Ernâni Lopes, como moderador interveniente do debate, tendo a seu lado o Prof. Ricardo Santos*



*Em primeiro plano e da direita para a esquerda, o Dr. Alípio Dias com os Almirantes Botelho Leal e Monteiro da Silva*



O Almirante Monteiro da Silva recebendo a serigrafia da AORN das mãos do Prof. Ernâni Lopes



Momentos do jantar-convívio com o Chefe do Estado Maior da Armada, Almirante Nuno Vieira Matias

do, de forma magnífica as conferências, permitindo e facilitando um debate com o maior interesse.

Uma lição dentro das diversas lições.

Na sua primeira intervenção, o Professor Ernâni Lopes referiu o facto de a AORN consolidar neste terceiro Seminário, o triângulo dos "Três Cês" – camaradagem, consciência e cidadania – continuando a servir o país através da experiência e reflexão.

Salientamos a intervenção do *Almirante Nuno Vieira Matias*, Chefe do Estado Maior da Armada, responsável por uma brilhante palestra que tituló "*Economia do Mar*" e durante a qual teceu importantes afirmações.

Na opinião do Almirante Vieira Matias «*existem, actualmente, oportunidades que, com visão estratégica, devem ser exploradas, aproveitando o crescimento do transporte marítimo a nível mundial, avançando para o pedido de ampliação da ZEE portuguesa, implementando actividades económicas como a aquacultura e a exploração do fundo do mar, não descurando a segurança e defesa*» e ainda "*que o vínculo europeu, importante política e economicamente, mas simultaneamente erosivo da tradicional soberania, deve ser complementado ou até contrabalançado pelo relacionamento com o Mar e, através dele, pela ligação às duas margens do Atlântico*».

Na mesma sessão, foram ainda oradores o *Professor Medeiros Ferreira* que falou sobre "*Os Açores na Encruzilhada da Política Europeia de Segurança Comum*", o *Professor Ricardo Serrão Santos*, Director do Departamento de Oceanografia e Pescas da Universidade

dos Açores, que tratou o tema "*Perspectivas para a Investigação em Ecossistemas Oceânicos na Região dos Açores*" e que «*considera os Açores como um imenso laboratório experimental, onde se realizam importantes estudos sobre a regulação climática e bioquímica do Oceano Atlântico, a par do conhecimento sobre ecossistemas hidrotermais e habitats marinhos*», e o *Professor Luís Andrade*, Assessor para a Cooperação Externa da Presidência do Governo Regional, que na sua comunicação sobre "*O Triângulo Estratégico Português*" referiu «*o eixo do Atlântico Sul (Brasil/África) como polo dinamizador de uma futura estratégia nacional, com os vectores língua e cultura a desempenharem papel importante*».

Uma extensa reportagem foi apresentada na imprensa açoreana, com destaque para os jornais "Açoreano Oriental" e "Correio dos Açores". Também a RTP se referiu ao evento, dedicando largo espaço do seu Noticiário, com entrevistas realizadas ao Professor Ernâni Lopes e ao Almirante Nuno Vieira Matias.

Os trabalhos foram encerrados pelo Secretário de Estado da Defesa Nacional,

*Dr. José da Silva Mourato*, cuja presença foi sinal evidente do interesse que esta 3.<sup>a</sup> Conferência da AORN mereceu.

Para além do período consagrado à Conferência, o Núcleo da AORN dos Açores e as entidades locais, proporcionaram diversos encontros que foram pretexto para reforçar a camaradagem a que já nos habituou a gente de São Miguel.

Um almoço do célebre *Cozido das Furnas*, um jantar na residência oficial do Comandante da Zona Marítima dos Açores, *Almirante Carlos Monteiro da Silva* e um jantar oferecido pelo Presidente da Assembleia Regional, no Clube de Golfe, foram três simpáticos acontecimentos proporcionados aos elementos do Núcleo da AORN dos Açores e a todos quantos se deslocaram de Lisboa para esta jornada.

Deixamos aqui bem vincado o agradecimento ao *Almirante José Manuel Botelho Leal*, Comandante Militar dos Açores e ao *Almirante Carlos Monteiro da Silva*, pela forma como receberam os membros da AORN e facilitaram as suas deslocações em S. Miguel.



C. Teixeira da Silva, F. Pacheco Costa, V. Pereira da Silva e J. Bernardo Rodrigues do Núcleo dos Açores

A AORN esteve presente na cerimónia comemorativa do **Dia do Corpo de Fuzileiros**, em Vale do Zebro e que foi presidida pelo Vice-Almirante Luís Mota e Silva, então Comandante Naval.

No dia 28 de Abril realizou-se um **convívio**, no Clube Militar Naval, com a presença de várias dezenas de oficiais de Marinha que fizeram comissão de serviço no Lago Niassa. Muitos RN compareceram a este encontro, que teve a presença do Vice-Almirante António Tierno Bagulho, antigo Comandante Naval de Moçambique e que contou na organização com o Contra-Almirante Espadinha Galo, Comandante José Pereira da Silva e Professor Ricardo Campos, da AORN.



O Prof. Dr. Ricardo Migães de Campos e o Almirante Tierno Bagulho recordando histórias do Niassa



Com larga representação dos seus Corpos Sociais, a AORN esteve na Escola Naval no dia 5 de Maio, na **cerimónia de Juramento de Bandeira do Curso "Contra--Almirante Carlos Testa"**. O Presidente da Assembleia Geral, Ernâni Rodrigues Lopes, procedeu à entrega do *Prémio Reserva Naval – Sub-Ten António Bernardino Apolónio Piteira* ao Cadete do 4.º ano, Engenheiro Naval AEL António Gonçalves do Vale Batista.

Na cidade de Ponta Delgada, na ilha de S. Miguel, realizou-se, no dia 5 de Junho passado, a **3.ª Conferência** integrada no "Ciclo" que a AORN tem vindo a promover, desta vez subordinada ao tema "*O MAR - Economia e Geoes-tratégia*".

Decorreu nas instalações da Universidade de Ponta Delgada, com o apoio indispensável do seu Centro de Estudos de Relações Internacionais e Estratégias e o seu êxito deveu-se à perfeita organização do Núcleo da AORN dos Açores. Maior desenvolvimento desta notícia pode ser encontrada noutra local desta revista.

O 3.º CEORN comemorou, nos Açores, o **40.º aniversário** da sua entrada na Escola Naval. Foram quinze os componentes deste curso que, de 9 a 13 de Junho, cumpriram um programa organizado pelo Núcleo da AORN Açoreano. Carlos Teixeira da Silva, do Núcleo dos Açores e Fernando Marques Antunes do 3.º CEORN, foram os impulsionadores do acontecimento.



O Vice-Almirante Botelho Leal, Comandante Militar do Açores, com o grupo do 3º CEORN

A Base de Fuzileiros comemorou o seu **Dia da Unidade**, no passado dia 3 de Julho. A convite do respectivo Comandante, CMG António Manuel Mateus, diversos RN's estiveram presentes nas cerimónias que foram presididas pelo Comandante do Corpo de Fuzileiros, CMG Vasco da Cunha Brasília.

A convite do Comandante da Escola de Fuzileiros, CMG Francisco Lhano Preto, a AORN marcou presença na **cerimónia de Juramento de Bandeira e Imposição de Boinas**, aos alunos dos Cursos de Formação de Oficiais FZ RV e de Formação Básica de Praças.

Foi no dia 28 de Julho passado e o acto foi presidido pelo Almirante Nuno Gonçalo Vieira Matias, Chefe do Estado Maior da Armada.

A AORN esteve presente na Escola Naval, no passado dia 23 de Outubro, na cerimónia de entrega de Comando daquela Unidade.

O Vice-Almirante Américo da Silva Santos que assume o cargo de Comandante Naval, foi rendido pelo Contra-Almirante António Rebelo Duarte.

Também no passado dia 31 de Outubro, a AORN se fez representar na tomada de posse do Vice-Almirante José Manuel Mendes Cabeçadas, no cargo de Director do ISNG. O Vice-Almirante Mendes Cabeçadas substituiu no cargo o Vice-Almirante Carlos de Magalhães Queirós.

# NOTÍCIAS



António Bernardino Apolónio Piteira, ao Cadete do 4.º ano, Engenheiro Naval AEL António Gonçalo do Vale Batista.

«Com a instituição deste Prémio, a AORN quer perpetuar e honrar a memória de um dos seus maiores, um jovem oficial da Reserva Naval morto em combate em Angola, no ano de 1973, apontando-o como exemplo e referência aos senhores cadetes da Escola Naval, futuros oficiais da Marinha de Guerra Portuguesa.

O Sub Ten António Bernardino Apolónio Piteira reunia um conjunto de qualidades que o tornavam um ser excepcional – era generoso, altruísta e solidário, sempre disponível para ajudar, predisposto para dar sem cuidar de compensação ou retribuição, discreto e afável.

O Prémio Reserva Naval visa incentivar o desenvolvimento destas qualidades, que são as que mais enobrecem os homens e será atribuído ao senhor cadete que, no dia a dia, melhor actue as virtudes da generosidade e do altruísmo, da disponibilidade para ajudar, da solidariedade e da sã camaradagem.

O premiado é um aluno do 4.º ano, escolhido por votação secreta e universal de todos os alunos da Escola Naval, e o prémio é entregue no final do ano lectivo, com o cerimonial e a solenidade que o Comando da Escola Naval determinar, sendo constituído por um valor pecuniário e certificado por documento ou objecto apropriado».



Com larga representação dos seus Corpos Sociais, a AORN esteve na Escola Naval no dia 5 de Maio, na cerimónia de Juramento de Bandeira do curso "CALM Carlos Testa". O Presidente da Assembleia Geral, Ernâni Rodrigues Lopes, procedeu à entrega do Prémio Reserva Naval - Sub Ten FZ RN



A cerimónia de entrega do Prémio ao Cadete Engº Naval AEL António Batista pelo Prof. Dr. Ernâni Lopes



O premiado com o Ministro da Defesa Nacional, o Chefe do Estado Maior da Armada e o Presidente da Assembleia Geral da AORN

Com a colaboração do Departamento de Conferências e Debates da Associação Académica da Universidade Lusíada, a AORN levou a efeito, no passado dia 15 de Dezembro, no auditório daquela Universidade, a 4ª e última das conferências integrada num Ciclo iniciado em Maio de 1999.

Desta vez subordinada ao tema "Para um Conceito Estratégico de Defesa Nacional –



– Que importância para o Mar?", contou com a participação de cerca de trezentos convidados, sendo moderada pelo Professor Ernâni Rodrigues Lopes.

Como oradores estiveram o Vice-Almirante António Ferraz Sacchetti e os Professores Humberto Nuno Oliveira e Nuno Rogeiro e, em próximo número desta Revista, será publicado o relato completo do evento.

## O MUSEU DA RESERVA NAVAL

Passado que foram mais de dois anos de intensos contactos e tentativas a vários níveis, para podermos trazer para o nosso museu algum material (peças e equipamentos), que fizeram parte dos navios mais intimamente ligados à História da Reserva Naval, na passagem dos seus membros por África, é com particular satisfação que se dá conhecimento à AORN e, de uma forma geral à Marinha, que chegou finalmente a Portugal parte de um espólio que foi possível recolher em Angola, de navios das classes "Argos" e "Bellatrix" e que ali foram abatidos e deixados em 1975.

Faz parte deste material, um *Hélice*, uma *Pá de Leme*, um *Veio*, um *Frequencímetro* dos navios da classe Bellatrix, um *Piston* e um *Filtro de Motor Deutz* dos Grupos Electrogéneos dos navios da classe Argos, um *Termómetro* e um *Conta-Rotações* dos Motores Maybch dos navios da classe Argos.

Para este sucesso muito contribuíram os apoios do Senhor General Tomé Pinto, facilitando-nos os contactos iniciais com o Chefe do Estado Maior da Marinha de Guerra de Angola, Almirante Santos Rufino e, a partir deste, a boa vontade

manifestada pelas entidades locais, nomeadamente o Director das Infra-estruturas Navais, Contra Almirante Wemba e o CMG Mário André, a quem a AORN agradece reconhecida e que desde a primeira hora se manifestaram incondicionais apoiantes da iniciativa, sem os quais não seria possível levar a bom termo esta operação.

Aqui deixamos, igualmente vincado, o nosso reconhecimento ao CMG António Manuel Mateus, também ele um antigo oficial da Reserva Naval (16.º CFORN) e que integrando hoje o Quadro Permanente de Oficiais da Marinha de Guerra, comanda nesta altura a Base de Fuzileiros, pelo seu envolvimento e apoio que forneceu nas nossas deslocações a Luanda e durante a permanência na Comissão Técnica Militar como Assessor da Marinha de Guerra Angolana e também uma referência para o Comandante da Força de Fuzileiros de Angola, CMG Noé de Magalhães e restantes fuzileiros portugueses em missão na referida CTM.

O material ficou à guarda da Petrogal Angola durante algum tempo, esperando transporte para Lisboa, graças à boa vontade do seu Director Geral em Luanda, a

quem a AORN agradece a disponibilidade. De igual modo, foram de grande importância as diligências junto da TAP do nosso associado Frederico Blanc de Sousa (3.º CEORN), piloto desta Companhia e que permitiu o transporte definitivo desde Angola para Lisboa.

Os contactos que continuamos a manter com a Marinha de Guerra de Angola, com vista a aumentarmos as possibilidades de obtenção de mais algum material de interesse para o museu, desde há alguns meses, tem tido a importante colaboração do actual responsável da CTM em Luanda, CMG Oliveira e Costa a quem manifestamos o nosso reconhecimento pelo apoio que nos tem dado.

Confiamos que este trabalho irá permitir, em breve, uma maior valorização do espólio do Museu da Reserva Naval.

Um antigo apelo deixamos a quantos se interessam pela vida da AORN: continuamos receptivos a todas as colaborações voluntárias para levarmos a bom termo este projecto.

*Manuel Morgado Sequeira  
(3.º CEORN)*



Assinatura do Termo de Entrega do material para o Museu, sendo intervenientes o Contra-Almirante Wemba e o Comdte. António Manuel Mateus



O Almirante Santos Rufino com Manuel Morgado Sequeira e o Comdte. António Manuel Mateus

Fundação  
**Luso-Americana**  
para o Desenvolvimento

Na pesquisa histórica uma presença permanente

# ASSEMBLEIAS GERAIS

## 18 DE MARÇO DE 2000

No dia 18 de Março, reuniu a Assembleia Geral Extraordinária da AORN para "Apreciar e votar proposta de alteração dos artigos 10.º e 11.º dos Estatutos".

Convocada pelo Presidente da AG a pedido de 10% dos associados no pleno gozo dos seus direitos estatutários, estiveram em discussão alterações que visavam alargar o período de permanência nos Corpos Sociais daqueles que, em obediência ao preceito em vigor, atingissem o final do 2.º mandato.

Das várias propostas apresentadas, resultaram as alterações cuja redacção se transcreve, estando à disposição dos associados a Acta completa desta Assembleia.

### Artigo Décimo

#### DA ASSEMBLEIA GERAL

Mantém-se a redacção dos artigos UM – DOIS – TRÊS – QUATRO – CINCO – SEIS – OITO e NOVE e foi alterado o articulado do número SETE que ficou com a redacção seguinte:

**SETE** – Os Corpos Sociais são eleitos por um período de dois anos, podendo ser reeleitos.

### Artigo Décimo Primeiro

#### DA DIRECÇÃO

Onde consta:

UM – A Direcção da Associação é composta por um Presidente, um Vice-Presidente e três Vogais.

#### Passará a constar:

UM – A Direcção da Associação é composta por um Presidente com voto de qualidade, dois Vice-Presidentes e três Vogais.

DOIS – Um Vice-Presidente assumirá a área Financeira e um Vice-Presidente assumirá a área Administrativa.

## 8 DE ABRIL DE 2000

No passado dia 8 de Abril, reuniu no Auditório do Instituto Superior Naval de Guerra, a Assembleia Geral Ordinária da AORN, com a seguinte Ordem de Trabalhos: "Apreciar e Votar o Relatório de Actividades e o Balanço e Contas do Exercício de 1999 e proceder à eleição dos Corpos Sociais para o biénio 2000/2001".

Muito concorrido, este encontro decorreu em ambiente de grande participação, sendo o Relatório de Actividades, apresentado pela Direcção, objecto de detalhada apreciação.

A sua aprovação fez-se por unanimidade e, conforme se transcreve da Acta elaborada, "espontaneamente, por aclamação dos sessenta e nove associados presentes". Também o Balanço e Contas foram aprovados por unanimidade.

Apresentada na Mesa uma única lista concorrente à eleição para os Corpos Sociais, para o biénio 2000 / 2001, procedeu-se à votação, separadamente, Órgão por Órgão, sendo o resultado o seguinte:

### Assembleia Geral

Presidente:

Ernâni Rodrigues Lopes (7º CEORN)

Vogais:

João Bernardo Pacheco Rodrigues (Núcleo Açores - 7º CEORN)

António Aurélio de Castro Moreira (Núcleo Norte - 22º CFORN)

*(Lista aprovada por unanimidade)*

### Conselho Fiscal

Presidente:

Alípio Barrosa Pereira Dias (9º CFORN)

Vogais:

Fernando Amaro Valente de Almeida (2º CEORN)

José Gomes Honorato Ferreira (11º CFORN)

*(Lista aprovada por unanimidade)*

### Direcção

Presidente:

António Henrique Rodrigues Maximiano (20º CFORN)

Vice Presidentes:

Alfredo Augusto de Lemos Damião (15º CFORN)

Carlos Alberto Marques Pinto Pereira (8º CEORN)

Vogais:

Jorge Manuel de Moura Vieira Teles (20º CFORN)

Manuel Ventura Carneiro Moreira da Silva (Núcleo Norte - 25º CFORN)

Joaquim de Oliveira Moreira (Núcleo Norte - 25º CFORN)

Suplentes:

João Maria Machado Marques Fernandes (Núcleo Norte - 12º CFORN)

José António Ruivo (21º CFORN)

João Sales Henriques Belchior (39º CFORN)

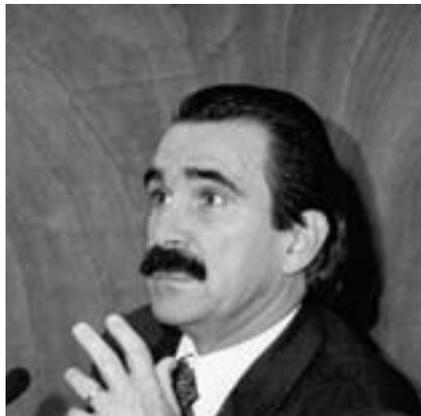
Fernando Manuel Fonseca Rosa (62º CFORN)

Miguel Paulo de Oliveira Matos (58º CFORN)

*(Lista aprovada por maioria, com duas abstenções)*



## ALGUMAS NOTAS SOBRE HIPERTENSÃO ARTERIAL



Como é do conhecimento geral, Hipertensão Arterial (HTA) significa tensão (mais correctamente pressão) arterial elevada.

Pressão arterial, é a força exercida pelo sangue na superfície arterial em resultado da acção de bombeamento do coração e da resistência oposta ao fluxo sanguíneo pelas artérias. A pressão arterial é medida através de aparelhos designados por esfigmomanómetros.

Segundo a Organização Mundial de Saúde, nos adultos, a pressão arterial é considerada normal quando os valores de pressão máxima ou sistólica (correspondente à pressão máxima atingida durante a contracção ou sístole cardíaca) são inferiores a 140 mm Hg (14 cm Hg) e os valores de pressão mínima ou diastólica (correspondente à pressão mínima atingida durante o relaxamento cardíaco) são inferiores a 90 mm Hg (9 cm Hg). Portanto, no adulto existe HTA quando a pressão arterial é igual ou superior a 140 mm Hg e/ou 90 mm Hg.

Nas crianças, é necessário recorrer a tabelas que definem os valores tensoriais considerados normais de acordo com a idade e o sexo.

A HTA é um dos principais factores de risco de aterosclerose e de doença cardiovascular, em especial de acidentes vasculares cerebrais (AVC), quer isquémicos, quer hemorrágicos, e de doença das coro-

nárias (enfarte do miocárdio e angina de peito).

Entre nós a importância do diagnóstico de HTA e de um correcto tratamento advém ainda do facto de Portugal ser um dos países com maior mortalidade por AVC, o que estará relacionado, de certo, com um inadequado controlo da HTA.

Nos Estados Unidos da América, apenas cerca de 27% dos hipertensos estão devidamente controlados. Em Portugal, menos de 15% o estarão, o que acontece também em vários países da Europa.

Os hipertensos têm ainda, com mais frequência, hipertrofia ventricular esquerda, insuficiência cardíaca, arritmia, insuficiência renal, doenças da aorta (dissecção aórtica) e das artérias periféricas e lesões retineanas.

A gravidade da HTA é avaliada não só pelos valores tensionais, mas também pelas lesões nos chamados órgãos alvo da hipertensão (coração, sistema nervoso central, rim, retina, artérias) e pela presença de outros factores de risco cardiovasculares ou doenças associadas (ex.: diabetes, insuficiência renal, doença das coronárias).

A prevalência de HTA é muito elevada. Calcula-se que 20-25% da população adulta portuguesa é hipertensa. Esta prevalência é idêntica à de muitos países europeus e à dos EUA. Acima dos 60-65 anos a prevalência é muito maior.

A HTA habitualmente não se acompanha de sintomas e, portanto, só se diagnostica medindo a pressão arterial. Contudo, não basta uma única medição para se rotular um indivíduo de hipertenso.

A pressão arterial é uma variável, podendo haver grandes alterações com os esforços e com as emoções, sendo disso um exemplo as subidas tensoriais acentuadas na presença do médico.

São necessárias, portanto, várias medições de pressão arterial antes de se decidir iniciar medicação anti-hipertensiva.

Actualmente, há a possibilidade de se fazer o registo ambulatorio da pressão arterial durante 24 horas, com medições automáticas a intervalos regulares (por exemplo, de 20 em 20, ou de 30 em 30 minutos), método este que se utiliza apenas em determinadas situações.

Quando existe HTA estabelecida, a principal alteração hemodinâmica existente, é o aumento da resistência arterial periférica.

A maior parte das hipertensões não têm causa conhecida. Assim, quanto à etiologia, a hipertensão arterial pode dividir-se em:

- 1) Essencial ou Primária – 90-95% dos casos – em que não se consegue detectar uma causa específica da hipertensão.
- 2) Secundária – os restantes 5-10%, – em que é possível identificar uma causa responsável pela elevação tensional.

Entre as causas da Hipertensão Secundária contam-se algumas doenças renais e das artérias renais, das glândulas suprarrenais, da tiroideia, etc. Alguns medicamentos podem também contribuir para a elevação da pressão arterial ou dificultar a acção doutros medicamentos utilizados para baixar a pressão arterial (por exemplo,



Um dos primeiros métodos de medição da pressão arterial num animal (Rev. Stephen Hales - 1732)

alguns medicamentos para o reumatismo, alguns produtos anti-gripais, a pílula, os supressores do apetite etc.).

A HTA Essencial está associada a uma série de factores genéticos, hereditários (com muito mais frequência os hipertensos têm familiares hipertensos e também a HTA é mais frequente na raça negra) e a erros de estilo de vida.

Enquanto os factores genéticos não são, por enquanto, modificáveis, os erros de estilo de vida são-no, podendo essa modificação contribuir para a prevenção ou controlo da HTA e de outros factores de risco cardiovascular que muitas vezes coexistem no hipertenso (tabagismo, diabetes, sedentarismo, hipercolesterolemia, obesidade).

O tratamento da HTA passa, obrigatoriamente, por modificações do estilo de vida.

Assim, dever-se-á:

- a) Restringir a ingestão de sódio e favorecer a ingestão de potássio.
- b) Deixar de fumar.
- c) Combater o excesso de peso.
- d) Combater o sedentarismo (praticar exercício aeróbico com regularidade).

e) Combater a ingestão de bebidas alcoólicas em excesso ( não ingerir mais de 2-3 copos de vinho/dia).

f) Evitar as gorduras saturadas e o colesterol.

Presentemente, existem medicamentos anti-hipertensivos que, administrados apenas 1 ou 2 vezes por dia e sem efeitos colaterais significativos, permitem um controlo adequado da pressão arterial para valores inferiores a 140/90 mm Hg.

Nos hipertensos diabéticos, ou com insuficiência renal, são aconselhados mesmo valores mais baixos, da ordem de 130-85 mm Hg.

Os principais fármacos pertencem aos seguintes grupos terapêuticos: diuréticos, bloqueadores beta adrenérgicos, bloqueadores alfa adrenérgicos, antagonistas do cálcio, inibidores da enzima convertora da angiotensina I e os antagonistas dos receptores AT1 da angiotensina II, podendo cada um deles ser utilizado isoladamente ou em associação.

Após se conseguir um controlo adequado da pressão arterial, as citadas modificações do estilo de vida e a terapêutica medicamentosa, deverão ser mantidas.

Se um hipertenso parar a terapêutica prescrita, a sua pressão arterial subirá de novo, por vezes de modo súbito e grave, com todas as consequências que daí poderão advir. Para que haja um controlo eficaz da pressão arterial e consequentemente diminuição dos AVC, doenças coronárias, insuficiência cardíaca e renal, é fundamental uma boa colaboração/cooperação médico-doente, no sentido de um maior esclarecimento deste último relativamente aos riscos que corre e à necessidade do cumprimento estrito da terapêutica proposta.

*Prof. José Manuel Brás Nogueira  
7º CEORN (MN)*



*Moderno aparelho digital de medição da pressão arterial*

## MINHA QUERIDA "BELLATRIX" = NRP 363 - Conclusão



### *A Apollo XIII*

Um dia, estava eu muito no quentinho no Cacheu, quando me apareceu o radiotelegrafista com cara de caso.

– “Oh homem, o que é que se passa?” pergunto-lhe eu, ao que me responde meio acabrunhado – “Senhor Comandante, chegou agora uma mensagem que eu não percebo e que parece que não é de Bissau...”.

O CDMTG em Bissau era, como já se calcula, a única entidade que se correspondia connosco diariamente em código.

– “Então descodifica lá isso!”

– “Não sou capaz...”

– “Mau, mostra lá isso, então?” atiro-lhe eu já curioso.

E à fria análise do meu olhar arguto, revelou-se a dura realidade: a mensagem era cifrada!

– “Eh pá, atão tu não vês qu’isso é uma mensagem cifrada? Decifra já isso, homem!”

Aí começa-me ele a gaguejar: – “É qu’ê cá... é cá nan sei, nan sei decifrar mensagens...”

– “Mau, então não te ensinaram isso em Vila Franca?” digo-lhe eu, já com ar severo.

– “Ensinaram, sô Comandante, mas é que ... é qu’eu já me esqueci, nunca mais pratiquei...”

Estou feito, pensei eu, que também nunca mais tinha praticado! E lá fomos à procura da máquina da cifra e mais dos dossiers adequados à resolução do problema.

Ao fim de algumas três horas, ou mais, de porfiados esforços, lá tínhamos a máquina actualizada e pronta a começar o serviço. E começaram a aparecer as primeiras indicações: FLAX!!! SECRETO!!! E, pânico, a mensagem vinha directamente para o Comandante da Bellatrix, de SEXA, o CEMA, o autêntico, o verdadeiro e genuíno, o do Terreiro do Paço!!!

E no final de mais de duas horas, finalmente a mensagem decifrada.

Para encurtar razões, tratava-se do seguinte: a cápsula Apollo XIII, a do programa espacial da NASA (e do filme), a cumprir missão no espaço, tinha tido uma avaria nos sistemas de navegação e mostrava-se incapaz de tornar à Terra, automaticamente, como estava previsto, tendo de regressar “em manual”, isto é, sob manobra directa dos astronautas.

Isso determinou que a NATO lançasse um alerta geral e atribuísse, a cada navio dos seus parceiros, uma determinada área de responsabilidade, na eventualidade da cápsula não amarar, como estava previsto no plano de voo inicial, numa zona do Pacífico.

E à Bellatrix calhou, e era isso que dizia a mensagem, um quadrado no Atlântico, entre a Guiné e Cabo Verde, para onde eu, já em estado de prontidão, me deveria deslocar tão rápido quanto me fosse ordenado, e lá assegurar a devida protecção aos astronautas até à chegada de quem de direito.

O curioso é que, com os consumos de combustível e as performances de que a Lancha então era capaz, se eu atestasse os depósitos à partida, a minha autonomia só me permitia chegar ao ponto de encontro. Para o regresso teria de vir a reboque, já se vê...

Mas enfim, tudo está bem quando acaba bem e, graças a Deus, a Apollo XIII amarou exactamente onde devia, no Pacífico.

### **O Buba**

O Rio Grande do Buba, assim chamado, não tinha nada a ver com o Cacheu. Era uma ria grande e larga, espaiada, de águas limpas e claras, com a savana a chegar às margens.

Riquíssimo em peixe (em quantidade e

qualidade), de tal modo que atrás já foquei, se pescava diariamente o almoço e o jantar.

Na minha estreia no Buba, e na primeira maré que lá passámos, fui ver a faina da pesca.

As linhas eram cordéis e os anzóis, alfinetes revirados. Isco, quando o punham, era uma côdea de pão.

E mesmo assim, mal a primeira linha tocou a água, logo um pargo, um belo pargo aí de 25 ou 30 cm, começou a ser recolhido. Mas esse não o provámos, que vinha ele já metade fora de água quando, vinda lá de baixo, uma bicuda com 1 metro, levou pargo, anzol, ponta da linha e tudo o mais. Por estas e por outras é que, no Buba, só se pescava com estopropo de aço.

E era assim que, com 20 ou 30 minutos de pesca diária, assegurávamos o peixe fresco (e que peixe!) para as refeições.

No Buba, o calor exterior e a temperatura e limpidez da água convidavam ao mergulho. Mas aí o receio eram os tubarões, que os havia naquelas águas.

E então, no pressuposto de que os tubarões fogem do ruído, inventou-se a piscina oceânica de águas permanentemente correntes e com limites definidos, com cintura flexível de segurança sonora, a saber: um voluntário, normalmente um dos fogueiros, saltava para o Zebro – entretanto já com os paneiros reparados e um motor espectacular de 50 hp em vez dos habituais 35 hp das outras Lanchas – e começava a desenhar círculos centrados na Bellatrix e um raio de aproximadamente 6 metros, enquanto os banhistas evoluçionavam graciosamente que nem Esther Williams, na zona de segurança.

E assim se passava o tempo.

Apesar de tudo foi no Buba que, um dia, apanhei um susto. Estava no meio de um cruzeiro, quando fui mandado levar um combóio de batelões à Foz do Cumbijã, no Sul.

Não era habitual interromper um cruzeiro, mas qualquer conjunto de circunstâncias determinou a inoperacionalidade simultânea de várias Lanchas e não houve outra alternativa senão mandarem-me a mim na missão.

Lá fui eu e correu tudo sem problemas.

Mas como tinha de regressar imediatamente ao Buba, em vez de passar a noite no Cumbijã, voltei sem parar.

Isso determinou que tenha estado trinta e tal horas sem dormir. Por isso, quando me apanhei de novo no Buba, já passada Bolama e porque, aquelas águas nessa altura, para além de calmas já nos eram familiares, entreguei a Ponte ao Mestre que me assegurou que eu podia ir descansar um pouco.

E assim fiz. Mas ainda não estava a dormir há uma hora quando acordei em sobressalto, com um pressentimento e, ao subir à Ponte, fiquei estarrecido: o Mestre confundira alguma referência e, na grande bifurcação do Buba, quando ele se dividia em duas braças aparentemente iguais, em vez de inflectir para Leste, como devia, inflectiu para Norte, para um local temível onde, em tempos, fora apoiar uma LDM num abastecimento a Fulacunda, mas isso com cobertura aérea. Mas, enfim, lá fizemos 180° e nada de anormal aconteceu, graças a Deus.

### **A Operação quase Nino**

Foi dos episódios mais emocionantes vividos na Guiné, enquanto Comandante da Bellatrix.

Um fim de tarde, no Buba, estávamos já fundeados para o período da noite, a cerca de uma milha da última curva antes do troço final que levava ao Quartel, e eu a tomar um copo, a ler e à espera da hora de jantar, quando fui abordado por três Zebros dos Fuzileiros do Buba, numa operação habitual ao fim de tarde – um saque ao meu Gin!

Às 19h45 – o quarto rendia às 20h00, aparentemente satisfeitos, os “assaltantes” retiraram.

E eu, que costumava render a praça de quarto para que pudessem jantar todos juntos, continuei no convés com ar contemplativo, observando os Zebros qua se afastavam. E quando começavam a desaparecer na curva do rio, reparei com espanto num estralejar por cima deles.

Fiquei perplexo: não era hábito na Guiné, e muito menos tinha eu notícia de algum fogo de artifício na zona.

De repente, caí em mim. Aquilo era um

ataque e os botes estavam a ser atacados.

Dei o alarme na Lancha e via rádio e avançámos para o local. Mas, entre levantar ferro, arrancar com o navio e chegar ao local à velocidade “vertiginosa” da Bellatrix, passou pelo menos meia hora.

Fazendo fogo para onde me parecia que provinham os morteiros, continuei durante algum tempo nesta acção. E soubera já, entretanto, que ninguém tinha sido atingido nos Zebros, embora houvesse a registar um furo numa das secções de uma das embarcações.

E fui ficando por ali a ver no que é que aquilo dava, até que ao fim p’raí duma hora, apareceu a todo o vapor um LFG, disparando afanosamente.

A cena passou-se, acabei o cruzeiro e voltei para Bissau onde cheguei ao fim da tarde e, cumprindo a rotina, fui ao Estado Maior apresentar-me. Era 5ª feira.

Aí fui às minhas premissas, lavei-me e vesti-me em função do dia e fui para a Messe para o jantar do *ronco*.

Entro e vejo o 2º Comandante na outra ponta da sala, junto ao Bar, acenando na minha direcção. Olho para trás e, como não vejo ninguém, pergunto gestualmente – é comigo?, ao que o senhor 2º Comandante acenou afirmativamente.

Estranho e vou ter com ele. Quando chego à sua beira ele, entusiasmadíssimo, diz-me de chofre: –”Parabéns, você matou o Nino!”

Nem mais nem menos, o Nino, o Vieira propriamente dito.

Eu estranhei aquilo e perguntei, timidamente –”Como senhor Comandante?” E expliquei-lhe o que se tinha passado.

–”Sim, o Nino”, insistiu ele. E chamando o Oficial de Informações – “Oh! Comandante, não é verdade?”

– “É verdade, está confirmado.”

– “Vê (?), está confirmado!”

E eu, nada convencido, voltei a contar a história, fundamentei-a com um cálculo de probabilidades e, finalmente, usei o argumento final:

– “E é que além disso, senhor Comandante, os meus Pais ensinaram-me em pequenino que as armas de fogo são muito perigosas e que nunca se apontam para ninguém, e eu não me canso de repetir isso aos meus homens. Por isso, está a ver, senhor Comandante, não pode ter acontecido na minha Lancha...”

Como se constata pela História recente, eu tinha razão...

### **De quando a Bellatrix ia às Ostras**

Fui duas ou três vezes à Foz do Cumbijã. O abastecimento de Bedanda e de outros aquartelamentos para aqueles lados era feito por combóios de batelões – às vezes mais de dez – através do Cumbijã, apoiados por uma LDM.

Competia, no entanto, às LFP’s o apoio de navegação a esses combóios até à Foz do referido rio, zigzagueando pelos bancos de areia, em animada ronda de bóias inexistentes, entre os Bijagós e terra firme.

As missões começavam, normalmente, em Bissau com o *briefing* dos Comandantes aonde, para além de se apresentar o plano de viagem, se recomendava expressamente aos *skippers* dos batelões que marcassem cuidadosamente os pontos de viragem da LFP, para só aí virarem por sua vez e, desse modo, evitarem os baixios e os inconvenientes encalhanços.

Trabalho inglório!...

Os batelões avariavam a uma média de dois cada três horas.

Que é como quem diz: ainda Bissau estava à vista e já o combóio se estendia por algumas três ou quatro vezes o seu comprimento à partida, inciando-se a partir daí, a inevitável prática do *atalhanço*.

Que, por sua vez, determinava o início dos encalhanços...

Que praticamente duplicava o número de paragens imprevistas... – uma vez até a LDM se avariou!...

E assim sucessivamente até ao seu destino, dentro do Cumbijã, entre a ilha de Como e um areal, onde normalmente se pernoitava. No dia seguinte, regressávamos à

Base e o restante combóio continuava rio acima, sob o comando da LDM.

Mas, como em tudo, também havia coisas boas – as ostras!

As ostras do Tombali.

Na Guiné, havia duas qualidades de ostras: as do tarrafo e as da rocha. As da rocha, em mar aberto, eram naturalmente as melhores, mais limpas, mais frescas, melhor depuradas, batidas que eram pelas ondas. E dessas, as de maior fama eram as dos baixios do Tombali.

E posso testemunhá-lo, graças a Deus! Graças a Deus e a cuidadosos planeamentos que faziam coincidir a passagem da Bellatrix no local com as horas da marés vazas. Parava-se (normalmente para reparar uma *avaria* ligeira), arriava-se o bote e lá se iam encher os baldes com as afrodisíacas bivalves.

E depois era fartar das ditas, com um branquinho que nunca nos faltou.

Até tenho saudades...

### **Epílogo**

E foi assim a minha passagem de seis meses pela Bellatrix: curta, mas marcante.

Depois, ainda fiquei mais um ano na Guiné (que eu já fora para lá com licenciatura), mas agora em comissão civil.

Estávamos em plena acção psico-social, Congresso dos Povos de Guiné, etc., e o General Spínola, ao tempo Governador, requisitou-me à Marinha e colocou-me como Agrónomo nos serviços de Veterinária, aonde um dos meus principais entretenimentos era andar de tabanca em tabanca a inaugurar bebedouros para vacas.

E a brincar, a brincar, foi aí que andei de Chaimite, de pica em coluna no mato, e tive outras experiências bem mais desagradáveis.

E saudades da Bellatrix...

Mas isso são outras histórias.

José Manuel da Costa Bual  
4º CFORN



# MISSÃO METANGULA 1999 – CONCLUSÃO



No dia imediato, antes de deixarmos Lichinga de regresso a Maputo, fomos recebidos na Sede do Governo do Distrito do Niassa pelo respectivo Governador, Aires Bonifácio Baptista Ali, na presença do Director Geral dos Transportes, Tomás Henriques Narciso, que fora o seu representante oficial durante a nossa estadia no Distrito.

Dirigindo-se à "Missão", manifestou o seu apreço pelo carinho com que os ex-marineiros se referem a Metangula. Fez um apelo para a ajuda possível da AORN, que será sempre bem acolhida.

No "Livro de Bordo" deixou o seguinte depoimento:

*«É com profunda satisfação que em nome das populações e do Governo do Niassa tive a ocasião de receber esta importante e simpática Delegação.*

*A vossa visita irá certamente reforçar as*

*excelentes relações de amizade e cooperação entre os nossos dois Países. A nossa geração tem a grande missão histórica de fazer a ponte segura para maior dinamismo e aprofundamento das relações amistosas e desenvolvimento futuro de Moçambique e Portugal.*

*Sucessos, continuem com o Niassa no coração».*

Finda a recepção, dirigimo-nos ao Aeroporto para a viagem de regresso à capital.

Visível, nos rostos cansados de todos os participantes da "Missão", a satisfação pela estadia no Niassa, movidos por apelos de consciência e espírito de camaradagem, e igualmente por um elevado sentido de solidariedade para com gente que, dentro do seu ideal, se mantém fiel às suas tradições, buscando um destino em comunhão secular com Portugal.

Reforçamos aqui o significado do regresso a estas terras, revivendo tempos passados, constatando o afecto que a nossa presença suscitou nas populações locais e a elevação com que as autoridades nos receberam, num ambiente de carinho e amizade sem limites.

A forma como o reencontro se deu, é prova inequívoca de que passámos pelo Niassa com grandeza, porque fomos capazes de servir a Pátria sem esquecer a humanidade.

Que este estreitar de relações possa ter continuidade, dando um sentido correcto e humano à vida da AORN.

Em Maputo fizemos contactos com entidades diversas, nomeadamente com o Conselho Científico da Faculdade de Direito e com o seu congénere da Faculdade de Medicina. Fomos ainda recebidos pelo Vice-Ministro da Saúde, Dr. José Maria Igrejas de Campos, que no Livro de Bordo escreveu:

*«Foi com grande emoção e alegria que recebi a visita do meu colega de curso e amigo Prof. Dr. Ricardo Campos. Sugiro que repita e traga consigo outros colegas que receberemos com todo o gosto e prazer».*

Apresentámos ainda os cumprimentos ao Primeiro Ministro, Dr. Pascoal Mocumbi, particular amigo que, nos seus tempos de aluno da Faculdade de Medicina de Lisboa, estudara em minha casa, deixando-lhe lembranças da nossa visita. Também o Embaixador de Portugal, Dr. Ruy de Brito e Cunha nos recebeu com a maior simpatia, testemunhando o seu apreço no depoimento que escreveu:

*«Foi com muito gosto que me encontrei no meu gabinete com esta delegação da AORN que acaba de visitar Moçambique.*

*Foi para mim muito gratificante tomar conhecimento dos contactos que tiveram em Lichinga, Metangula e Maniamba, que aliás muitos já tinham conhecido há trinta anos.*

*Sei que destes contactos vai nascer uma boa e desinteressada cooperação que espero frutifique e se multiplique.*

*Com um abraço de muita amizade».*



O Vice-Ministro da Saúde, Dr. José Maria Igrejas de Campos



O Dr. Ruy de Brito e Cunha na assinatura do "Diário de Bordo"



Os membros da AORN na visita às instalações da RTP África e assinatura do Livro de Honra



Em Maputo, com o pintor Yussuf e os seus quadros

A forma como a nossa estadia foi acompanhada pela RTP África, teria de ter da nossa parte um gesto de agradecimento. Foi com esse objectivo que estivemos na sua Sede, deixando no seu "Livro de Honra" o testemunho da nossa visita.

Na ocasião, o Dr. Fernando Teixeira Gomes, que nos acompanhou desde a primeira hora, escreveu:

*«A RTP África teve o privilégio de acompanhar pessoas que demonstraram ter ultrapassado traumas que muitos responsáveis portugueses ainda não conseguiram.*

*A relação dos portugueses com os povos que colonizaram deve ser mesmo esta, assumida agora, sem complexos, por este grupo. Amor, carinho, amizade e incentivo ao trabalho através da cooperação, devem ser os vectores principais da atitude política de um povo que quer ver a sua cultura perpetuada no Mundo.*

*Para esses momentos que mais tarde se vão reflectir na História de Portugal, a RTP África estará sempre presente a desempenhar o verdadeiro serviço público.*

*Na residência do Adido de Defesa no Maputo, Comdte. Santos Lourenço*



*Bem haja a AORN e os seus elementos que a compõem».*

O regresso a Lisboa, no dia 20 de Maio, fez-se em longo trajecto de cerca de nove horas, tempo para fazer o balanço de uma gratificante missão que ultrapassou as nossas melhores expectativas.

Em todos quantos viveram esta experiência, ficou a certeza de que deixámos um rasto de amizade e saudade numa população cheia de carências, habituada a um sofrimento calado, mas esperançada no

desinteressado sentido do gesto solidário.

É uma obrigação que pela porta agora aberta por esta Missão da AORN passe o contributo necessário e urgente, não apenas material, mas sobretudo que seja a demonstração de um sentir comum de povos com a mesma raiz.

*Prof. Ricardo Campos  
11º CFORN (MN)*



Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição – Estátua equestre de Mouzinho de Albuquerque

## SALA RESERVA NAVAL

A cerimónia realizada no passado dia 25 de Maio, na Escola Naval, constituiu um dos marcos mais significativos da ligação AORN/ MARINHA DE GUERRA, na História recente da nossa Associação.

Correspondendo à oferta de um espaço no edifício principal, que há cerca de um ano o actual Comandante da Escola Naval, *Contra Almirante* Américo da Silva Santos fizera à AORN, com o objectivo de nele se instalar uma sala que perpetuasse a passagem da Reserva Naval por aquela Unidade, a Direcção levou a cabo essa tarefa que foi simultaneamente um desafio à imaginação e à capacidade de mobilização dos nossos associados.

Apoiado na técnica e no espírito criativo do *Arquitecto Álvaro Lacerda Machado*, o projecto foi tomando forma, ultrapassado o inevitável "período de reflexão" para assentamento de ideias.

Ocupando uma área de cerca de 40 m<sup>2</sup>, utilizando como base a madeira e o mármore, este espaço poderá assemelhar-se a uma câmara de um navio, onde o bom gosto e o requinte se associam, e onde uma iluminação bem distribuída dá ao mobiliário o relevo que o mesmo merece.

Alguns quadros evocativos da História da Reserva Naval e simbolicamente escolhidos, e os mais significativos brasões das Unidades por onde passaram os Oficiais RN conferem a esta Sala a marca históri-

*Momentos que antecederam a cerimónia de inauguração da Sala Reserva Naval*



*Rodrigues Maximiano, Presidente da Direcção da AORN no uso da palavra*

ca que se pretendeu apresentar, dando-se especial relevo ao Decreto que instituiu, em 1957, a Reserva Naval e, por dever de homenagem, o texto e os objectos que dão forma ao Prémio Reserva Naval – Sub/ Ten FZ RN António Bernardino Apolónio Piteira, criado e entregue pela primeira vez no corrente ano.

A cerimónia que teve a presença de quarenta ex-RN's, foi presidida pelo Chefe do Estado Maior da Armada, *Almirante Nuno Gonçalo Vieira Matias* que, na ocasião, dirigiu palavras de agradecimento da Marinha «por mais um acto do maior significado e demonstrativo da indestrutível ligação amiga que os oficiais da



*O Secretário Geral da AORN, José Pires de Lima, lendo o Acto de Entrega*



*O CEMA, Alm. Nuno Gonçalo Vieira Matias, fazendo a sua alocação*

*Reserva Naval mantém, passados que estão quarenta anos desde a sua entrada, pela primeira vez, na Escola Naval. Salientou «o sentimento de orgulho que a Marinha nutre pela sua Reserva Naval» e expressou os votos «de que todos quantos passaram pelas várias Unidades da Marinha se sintam em sua própria casa de cada vez que a elas retornem».*

O **Acto de Entrega**, que se transcreve adiante, foi assinado pela **AORN**, pelos *Presidentes da Assembleia Geral*, da *Direcção* e do *Conselho Fiscal* e pelo RN mais antigo da Reserva Naval, respectivamente Ernâni Rodrigues Lopes, António Rodrigues Maximiano, Alípio Pereira Dias e Rogério Sousa Ferreira e, pela Marinha, pelo *Almirante Nuno Vieira Matias*, Chefe do Estado Maior da Armada e pelo *Contra Almirante Américo da Silva Santos*, Comandante da Escola Naval.

Dirigindo-se aos presentes, disse o Comandante da Escola Naval:

*«Exº Sr. Presidente da Assembleia Geral da Associação dos Oficiais da Reserva Naval*

*Exº Sr. Almirante Chefe do Estado Maior da Armada*

*Senhores Convidados,*

*Como dizia há já dois anos, aqui na Escola Naval: – Eles honraram a Marinha pela acção! Nas mais diversas situações: como Comandantes e Oficiais de guarnição das Unidades Navais, em acções de guerra e paz; como técnicos de alta qualificação em Estados Maiores, Unidades ou simples gabinetes; como camaradas, conselheiros ou amigos; como homens, como militares, como cidadãos de corpo inteiro.*

*Os Oficiais da Reserva Naval marcaram décadas da vida da Marinha com a sua capacidade, a sua competência e a sua cidadania. Fazendo-o, honraram a Marinha, prestigiaram as Forças Armadas, serviram o seu país de forma notável.*

*Mesmo depois do seu serviço, os homens que serviram a Marinha na Reserva Naval continuaram a ser especiais. Basta olhar-se hoje à nossa volta, e reparamos*

*que, na sua diversidade, os homens da Reserva Naval constituem um conjunto representativo das altas elites técnicas, científicas, empresariais e políticas deste país que ajudam a construir de forma activa e determinante. Une-os a todos, o sentimento de afeição à Marinha que serviram e que muito se orgulha de ter contribuído para a sua formação como cidadãos.*

*É por isso que a Escola Naval, Casa Mãe dessa Marinha e que foi responsável por parte da prestação naval dos Oficiais da Reserva Naval, se sente tão honrada pela cerimónia de hoje e por aquilo que ela traduz.*

*Não são só os Oficiais que aqui recebem a sua formação académica e militar que recordam e honram a Escola, e que ela acolhe com carinho e afeição.*

*Também aqueles que, brevemente, escutaram o murmúrio das suas paredes, se sentem bem por voltarem e a lembram com saudade e respeito. A Escola, como representante da Marinha, acolhe-os com*

*o mesmo carinho e sente-se orgulhosa quando os recebe.*

*É esse carinho e orgulho que aqui expresso.*

*Mas hoje, à honra e ao prazer de os receber, soma-se o agradecimento por uma distinção que a Associação dos Oficiais da Reserva Naval decidiu conceder à Escola. Esta sala, que com tanta dedicação foi preparada pela Associação para ser entregue à Escola Naval, passa a constituir mais um símbolo da sua Missão, do seu papel para com a Marinha e para com o País.*

*Ficamos mais ricos materialmente, com esta magnífica sala, mas sobretudo, espiritualmente, pelo que ela significa.*

*Por isso, a Escola Naval está, estará sempre, muito grata à Direcção da Associação e a todos os camaradas da Reserva Naval.*

**MUITO OBRIGADO!»**



*O Livro de Honra da Escola Naval*



*O Comandante da Escola Naval, Contra-Almirante Américo Silva Santos assinando o Acto de Entrega da Sala Reserva Naval*



*O CEMA, Alm. Nuno Gonçalo Vieira Matias, assinando o Livro de Honra da Escola Naval*



*O Presidente da Assembleia Geral da AORN, Ernâni Rodrigues Lopes assinando o Livro de Honra da Escola Naval*



*Um Porto de Honra servido após a inauguração da Sala Reserva Naval*



*O Presidente da Assembleia Geral da AORN, o CEMA e Rogério Canas Ferreira, o mais antigo Oficial RN, presidindo ao almoço*

### **O Acto de Entrega da Sala Reserva Naval**

Dando cumprimento ao Decreto Lei N.º 41 399 de 26 de Novembro de 1957, a Marinha de Guerra Portuguesa admitiu, nas suas fileiras, indivíduos que, frequentando ou tendo frequentado cursos superiores tecnicamente adequados aos serviços e especialidades da Armada, nela viriam a prestar serviço como Oficiais da Reserva Naval.

A data de 11 de Agosto de 1958, assinala a incorporação do 1.º Curso de Oficiais RN, seguindo-se, ao longo de várias dezenas de anos, regulares admissões em novos cursos.

Até 1975, as missões da Marinha estendiam-se por um vasto espaço geográfico e o país confrontava-se com uma situação de guerra nos seus territórios ultramarinos da Guiné, Angola e Moçambique e de especial vigilância em Cabo Verde e São Tomé e Príncipe.

Para além da habitual presença em Macau e Timor, a Marinha de Guerra mantinha uma activa acção de participação nas operações militares, designadamente no

respeitante às componentes operacionais e logísticas, já que os referidos territórios tinham uma importante e extensa fronteira marítima, para além de uma vastíssima rede fluvial.

A carência de Oficiais nas diversas classes do Quadro Permanente era notória, e foi na Reserva Naval que a Marinha encontrou a solução que melhor adequou às suas necessidades específicas em pessoal qualificado.

Os Oficiais da Reserva Naval ombream então com os do Quadro Permanente, no desempenho de cargos e missões da mais alta responsabilidade militar, na maioria das vezes em situações de desconforto, complexas e de elevado risco.

Daí resultou um intenso convívio, um são companheirismo entre homens de formação muito diversa e um mútuo enriquecimento cultural, técnico – profissional e até político, que tantas vezes perdurou no tempo e que, no plano dos princípios, continua a inspirar referências e a ocupar um destacado lugar no

imaginário de muitos Oficiais da Armada.

Foi no seguimento de uma forte ligação, cimentada ao longo de várias dezenas de anos, que o Comando da Escola Naval decidiu ceder à AORN um espaço no seu edifício principal, para que nele fosse criada uma sala que perpetuasse a passagem de milhares de Oficiais RN por esta Unidade.

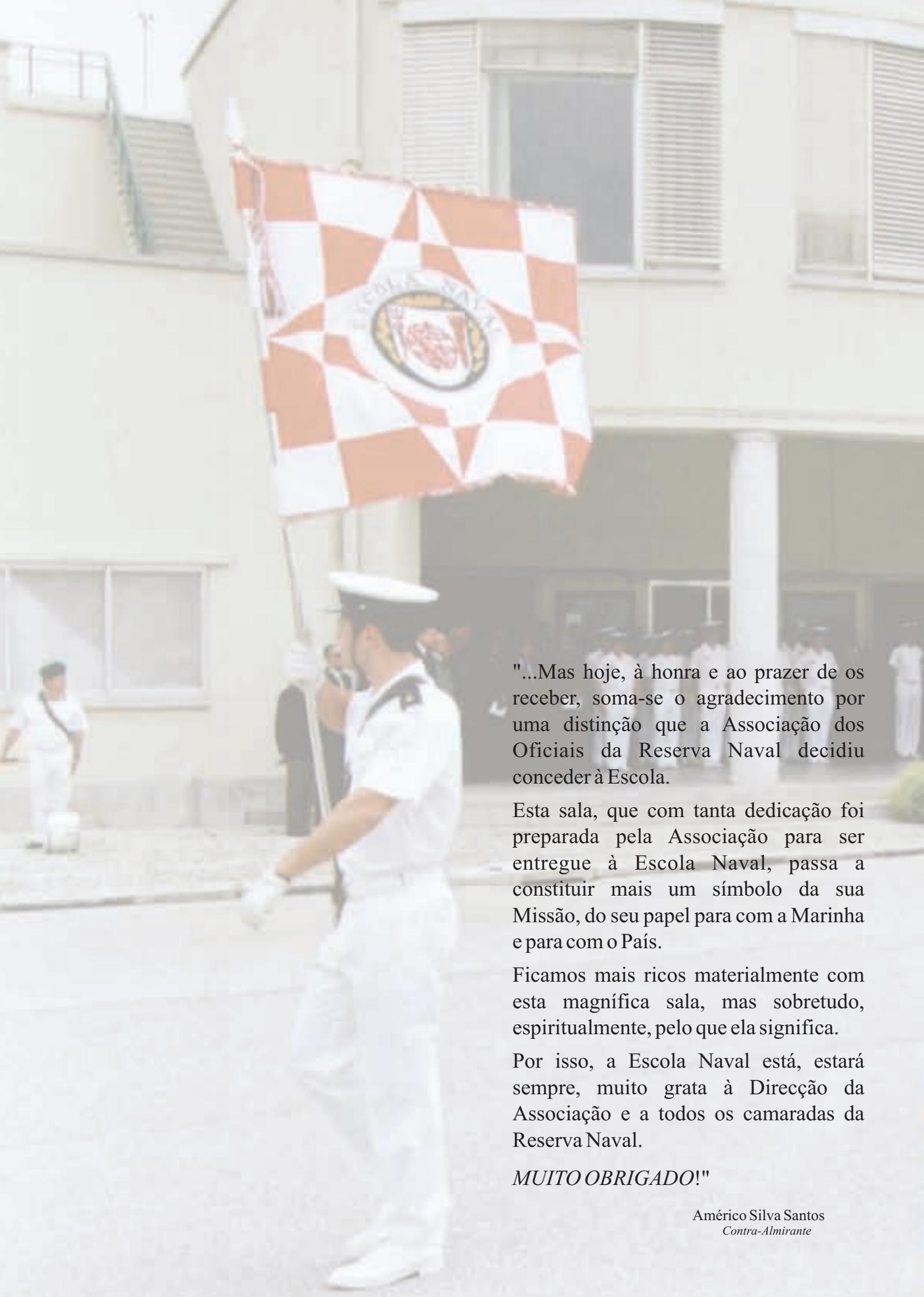
Decisão do maior significado que tocou fundo na Reserva Naval e particularmente na sua Associação, criando um forte sentimento de orgulho e motivando a vontade de retribuir com gesto de nível semelhante.

Aos vinte e cinco dias do mês de Maio do ano 2000, ciente do significado da cerimónia e crente na adequada correspondência à oferta do Comando da Escola, a AORN faz entrega solene da "SALA RESERVA NAVAL", espaço de memória de várias gerações marcadas na sua vida pela Marinha de Guerra Portuguesa.



# Sala Reserva Naval





"...Mas hoje, à honra e ao prazer de os receber, soma-se o agradecimento por uma distinção que a Associação dos Oficiais da Reserva Naval decidiu conceder à Escola.

Esta sala, que com tanta dedicação foi preparada pela Associação para ser entregue à Escola Naval, passa a constituir mais um símbolo da sua Missão, do seu papel para com a Marinha e para com o País.

Ficamos mais ricos materialmente com esta magnífica sala, mas sobretudo, espiritualmente, pelo que ela significa.

Por isso, a Escola Naval está, estará sempre, muito grata à Direcção da Associação e a todos os camaradas da Reserva Naval.

*MUITO OBRIGADO!"*

Américo Silva Santos  
Contra-Almirante